

Autobiografia de George Sand: uma mulher à frente de seu tempo

Autobiography of George Sand: a woman ahead of her time

Dolores Aparecida GARCIA⁵⁶

Simone Sanches Vicente MORAIS⁵⁷

Henrique de Oliveira LEE⁵⁸

RESUMO: O presente trabalho – resultado parcial de uma pesquisa em andamento de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na UFMT – Sob orientação do Professor Dr. Henrique de Oliveira Lee, tem como proposta analisar a obra autobiográfica da escritora francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, do século XVIII. Adotou pseudônimo masculino para ser aceita no meio literário, George Sand. O romance intitulado *Histoire de ma vie*, escrito no período de 1847 a 1855. Fruto de uma família aristocrática recebeu da avó paterna, Mme. Dupin Francueil, a educação e o estímulo pela música, escrita, desenho e literatura. A mulher corajosa, então, inspirou um estudo bibliográfico e qualitativo. A pesquisa mobiliza a noção de pacto autobiográfico, adotada por Philippe Lejeune (2008). Na história do gênero autobiográfico, deve ser lembrado que, George Sand é a primeira mulher que se comprometeu a elaboração, publicação e divulgação ampla de sua vida, desde o nascimento e até mesmo antes, com a história de seus pais até a conclusão dessas memórias em 1854. Nenhuma escritora ainda havia ousado apresentar a história na cena pública como a história da sua vida, entendida como a gênese, construção e defesa da sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Autobiografia; feminilidade; George Sand

ABSTRACT: The present work. resulted partial of a research in process of doctorate in the Program of Masters degree in Studies of Language in UFMT. Under orientation of the Teacher Dr. Henrique de Oliveira Lee, has as proposal to analyze the French writer's autobiographical work Amandine Aurore Lucile Dupin, of the century XVIII. It adopted masculine pseudonym to be accepted in the literary way, George Sand. The entitled romance *Histoire of bad vie*, written in the period of 1847 the 1855. Fruit of an aristocratic family received from the paternal grandmother, Mme. Dupin Francueil, the education and the incentive for the music, writing, drawing and literature. The courageous woman, then, inspired a bibliographical and qualitative study. The research mobilizes the notion of autobiographical pact, adopted by Philippe Lejeune (2008). In the history of the autobiographical gender, it should be reminded that, George Sand is the first woman that committed the elaboration,

⁵⁶Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT; Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT; E-mail: doloresgarcia.1411@gmail.com.

⁵⁷ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT;Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

⁵⁸ Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Professor adjunto na Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

publication and wide popularization of his/her life, from the birth and even before, with their parents' history to the conclusion of those memoirs in 1854. No writer had still dared to present the history in the public scene as you/he/she recounts her/it of his/her life, understood as the *génése*, construction and defense of his/her identity.

WORD-KEY: Autobiography; femininity; George Sand.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar e investigar alguns episódios da vida da escritora francesa George Sand. O romance autobiográfico que será analisado é intitulado *História da minha vida* da escritora francesa George Sand (1804-1876), escrito no período de 1847 a 1855. A pesquisa mobiliza a noção de pacto autobiográfico, elaborada por Philippe Lejeune (2008).

Aurore Lucile Dupin nasceu em Paris, em 1804. Seu pai era um importante militar francês, ligado à aristocracia. Sua mãe, no entanto, era uma camponesa modesta.

A pequena Aurore passou sua infância e grande parte de sua vida no campo, na cidade de Nohant. Em 1808, quando seu pai morreu, sua avó, uma mulher culta e rica, teve o cuidado de sua educação. Aos 13 anos, ela entrou para o convento agostiniano de Inglês em Paris para completar a sua formação.

Após a morte da avó, foi obrigada a se casar para que pudesse assumir a herança que essa lhe deixara. Em 1822, ela se casou com Baron Casimir Duvenant com quem teve dois filhos. No entanto, a vida de dona de casa a entediava e, depois de vários casos de amor, em 1831, separou-se do marido levando consigo seus dois filhos.

Instalada em Paris, começou a colaborar com o jornal *Le Figaro*, onde conheceu o escritor Jules Sandeau, que foi o segundo a apresentar-lhe o mundo da literatura. A primeira pessoa foi sua avó, que, desde cedo, fez Aurore ter acesso à literatura. Em parceria com Sandeau, escreveu seus dois primeiros romances assinados com o pseudônimo de Jules Sand.

Naquela época, Aurore descobriu como era fácil escrever, atividade que desempenharia até o fim de seus dias. Ela praticava quase todos os gêneros, peças de teatro, ensaios, artigos de jornais e romances, usou linguagem que atraiu igualmente a paixão dos homens, os corações das mulheres e a imaginação das crianças.

Em Paris, ela fez amizade com as pessoas mais famosas da época. Entre eles, o escritor Honoré de Balzac, o poeta Gustave Flaubert, Franz Liszt, compositor polaco, e o pintor Eugène Delacroix.

Talvez possam me perguntar: Por que estudar a história de George Sand? Primeiramente, é importante esclarecer que George Sand é o pseudônimo literário – masculino – de Aurore Dupin (1804-1876), que, dona de uma beleza morena, para ser aceita na sociedade da época, muito rigorosa em seus padrões, e entrar em lugares em que às mulheres de sua posição era vetado o passo, transvestia-se de homem e adotou o nome masculino para lutar contra os preconceitos da época e contra a antiguidade das regras e, assim, construir sua própria vida (MAUROIS, 1956).

Imagine-se uma mulher que fez carreira sozinha - assumiu-se como escritora profissional - participou intensa e ativamente na vida social, política e intelectual do seu tempo, foi sedutoramente feminina - desencadeou paixões avassaladoras nos corações dos homens mais interessantes da época - utilizou poses e vestuário masculinos, quando tal lhe convinha, adorava fazer "tricot" e conseguiu ser mãe de família, enquanto produzia uma obra formidável, numa média de dois romances e várias centenas de textos de não-ficção por ano. Falta dizer que foi uma amante da música e do teatro para o qual escreveu várias peças (MAUROIS, 1956).

George Sand é protagonista da história de uma mulher que, pelo berço, se viu situada nos limites de duas classes e, pela educação, numa orla em que se encontravam o racionalismo do século XVIII e o romantismo do século XIX. Tendo perdido o pai ainda menina, desejou substituí-lo junto de sua mãe e, por isso, adotou uma conduta viril; fortalecida pela educação masculina que lhe deu um preceptor meio maluco, Deschartes, e pelas roupas de homem que ele a fez usar.

Tal mulher encontrou-se, aos dezessete anos, independente, senhora de uma propriedade em Nohant, uma casa, e procurou sempre, inconscientemente, tornar a criar esse paraíso livre de sua adolescência, pois nunca pôde suportar um senhor e pedia ao amor o que ela encontrava na maternidade: uma oportunidade de proteger seres mais fracos. Irritada com qualquer autoridade masculina, lutou para liberar as mulheres desse jugo e lhes assegurar a liberdade sobre seus corpos e sentimentos; e, por isso, exerceu sobre os costumes, influência extensa e útil. Católica a princípio, foi sempre cristã e acreditou estar em comunhão mística com Deus. Tornou-se socialista, porém permaneceu cristã, por generosidade de coração, e lançou-se, em 1848, num movimento revolucionário e, após o malogro deste, soube conservar o prestígio sem abjurar as suas ideias. Infringindo todas as convenções, tanto na vida particular como na pública, impôs-se, entretanto, ao respeito de todos pelo talento, pelo trabalho e pela coragem, e conseguiu, depois de aplacadas todas as paixões, tornar a criar na casa de sua infância, o paraíso perdido, a felicidade que procurara inutilmente na paixão (MAUROIS, 1956).

Optamos por estudar a versão em língua portuguesa de *História da minha vida*, traduzida por Gulnara Lobato de Moraes Pereira, publicada pela editora carioca José Olympio, em cinco volumes, no período de 1945 a 1947. Cada volume se constitui por diversos capítulos, cuja narrativa inclui cópias de numerosas cartas, conforme as versões francesas, *Histoire de ma vie*.

No primeiro volume, a autora relata a história de sua família; no segundo, seus primeiros anos, no período de 1800 a 1810; no terceiro, ela aborda a infância e a juventude, de 1810 até 1819; no seguinte, o tema da narrativa percorre momentos de transição, do misticismo à independência, de 1819 a 1832; enfim, no último, a autora privilegia a sua vida literária e íntima, de 1832 a 1850.

Muitas vezes, ler a biografia de um homem ou mulher importante causa-me um verdadeiro desapontamento, pois fico imaginando como seria a vida íntima dessa pessoa.

Infelizmente, essas pessoas não nos permitem saber sobre seus momentos íntimos, uma vez que não deixam nada registrado, desde diários, cartas confidenciais, memórias ou qualquer outra coisa do gênero. Assim, a nossa curiosidade persiste já que não há material que o biógrafo possa registrar. Todavia essa regra foi quebrada, quando a autora George Sand lança sua autobiografia. Nela, ela relata seus momentos íntimos.

George Sand foi diferente, deixou numerosas correspondências e as pessoas para quem ela enviava as cartas guardavam-nas, e estes registros de próprio punho serviram para que soubéssemos sobre a vida amorosa. Em relação a todos os seus episódios amorosos, confiou uma série de cartas a um amigo especial. Muitas vezes acrescentava um *post-scriptum*: “Queime essa carta”, mas as cartas não foram queimadas e, sim, guardadas. George Sand, ao escrever essas cartas, confessava com verdadeira franqueza seu coração (MAUROIS, 1956).

Mais reveladora do que as cartas, George Sand escreveu uma confissão abrindo com franqueza chocante o seu coração, chegando a impiedade absoluta consigo mesma. Essa confissão, feita para os olhos de uma só pessoa, foi, no entanto dividida com outras e eventualmente dada ao público. Em determinada circunstância tal confissão chegou a constituir prova em processo judiciário. Ainda em outra ocasião o seu diário condenatório de si mesma foi entregue ao seu maior inimigo, que o usou como injúria à sua reputação.

Porém, somente George Sand foi responsável por todo este material íntimo deixado à posteridade. Ela incorrigivelmente confiou nos seus amigos e amantes.

George Sand tinha a impressão de viver num mundo de homens e mulheres desinteressados que procuravam a verdade acerca de sua natureza humana e, assim sendo, ela se oferecia como elemento de análise, como um espécime de valor para como elemento de análise, como um espécie de valor para este laboratório de pesquisas psíquicas. Submetia-se às experiências na esperança de que outros pudessem aproveitar.

Seguindo as suas generosas revelações, procurarei esclarecer nesta autobiografia os fatos da vida íntima de George Sand, explicando o segredo das suas amarguras, as razões das suas desolações e a situação sem precedentes que a situou no mundo como mulher mais incompreendida da história da literatura.

O romance *História de minha vida* é um esforço feito para que os outros possam ver a vida de George Sand como a viam os seus próprios olhos e consigam, tanto quanto possível, acompanhá-la no curso de sua formação, desde a constituição de sua família até à velhice, aos 50 anos. Tal esforço seria de todo impossível se não restasse a riqueza do material recolhido, somada às cartas, diários e confissões.

George Sand descreve as suas conversações, e, das narrações que escreveu, foram recolhidos os diálogos, as palavras que usava no cotidiano, e que formam toda a documentação de sua autobiografia. O único material histórico deixado estava nas suas correspondências.

O material foi reunido para se proceder a uma nova forma, porém nunca foi inventado. A imaginação foi usada como deve ser sempre usada na interpretação da autobiografia para ressaltar os detalhes obscuros, mas nunca alterado a linha do retrato.

George Sand era uma mulher à frente de seu tempo. Bem conhecida por seus trabalhos como por seus vários romances com pessoas famosas da época, o maior gênio conhecido da literatura feminina no século XVIII. Suas obras chegam a 110 volumes. Começando pela ficção romântica, voltou-se depois para as novelas de caráter social e, durante quarenta e cinco anos, passou a escrever novelas pastorais que se converteram em literatura clássica. Teve um sucesso espantoso. Um estilo de vida que escandalizou a sociedade parisiense (MAUROIS, 1956).

Entre os muitos amantes a ela atribuídos, Franz Liszt e Alfred de Musset entre outros, permaneceu com o músico Frederic Chopin. Seu relacionamento durou nove anos, até à enfermidade fatal, que levou à morte do compositor. Eles viveram juntos

em Maiorca, época em que escreveu *Um Inverno em Mallorca* (1841), e o tempo restante em Nohant (MAUROIS, 1956).

Sua escrita passou por várias fases. Romances como *Indiana* (1832), o primeiro assinado como George Sand, ou *Valentine* (1833) são um exemplo claro de novela romântica tão em voga naqueles dias, e foram bem recebidos pelo público.

Então, com um estilo mais engajado, ela exibiu suas novelas socialistas e os seres humanos como em *Consuelo* (1842) *Ideais* e *Lagoa do Diabo* (1846).

Desapontada com os resultados da revolução de 1848, decidiu que Nohant seria sua aposentadoria final. Neste período, ela escreveu obras de caráter mais realista baseado na vida do país, as dificuldades que as famílias passaram, como no caso do romance *La Petite Fadette* (1849).

Apesar de sua aposentadoria voluntária, ela nunca rompeu seus laços com seus amigos famosos, que foram visitá-la em sua mansão em Nohant e aqueles que ainda mantiveram uma correspondência contínua. A correspondência chegou a 25 volumes. Sand conseguiu ter sucesso por seus romances literários, histórias, textos políticos, artigos de jornal, teatro e centenas de cartas. Sua assinatura era apenas uma mera anedota, tudo para entrar numa sociedade manifestamente conservadora.

2. *Histoire de ma vie* - Autobiografia

O título que a autora deu ao seu livro, *Histoire de ma vie*, é um nome simples que chega a ser banal, atos que todos podem fazer se quiser. Os seres humanos são contadores de histórias e as histórias contadas por eles deixam respirar as experiências vividas, os ambientes sociais e culturais que as contextualizam e moldam, bem como as interpretações e reações dos sujeitos. Nesta sequência, as histórias contadas, acerca da sua vida, para além de documentos pessoais e testemunhos de uma existência singular, podem ser entendidos como janelas através das quais podemos olhar e perceber os mundos que nelas se encerram.

George Sand é a primeira mulher a usar o gênero autobiográfico, a primeira mulher que se comprometeu em falar e publicar sua vida.

As mulheres dos séculos anteriores praticavam outras formas de literatura, podemos citar Fanny Burney (1752-1840) escreveu romances e diários; Aphra Behn (1640 – 1689) foi poeta, romancista e dramaturga; e Harriet Martineau (1802 – 76) escreveu sobre um amplo leque de assuntos (WOOLF, 2016).

Mas nenhuma ainda havia ousado a descrever a sua história na cena pública, como a história de sua vida, a construção e defesa da sua identidade, como fez George Sand.

Autobiografia não é algo novo do século XIX, BAKHTIN (2014, p.256) já trazia que a “Foi a família romana que lhes deu o fundamento de vida. A autobiografia, aqui é um documento da consciência familiar e ancestral”. Além disso, Lejeune (2008) não nega a existência da autobiografia antes de Rousseau ou do fim de século XVIII, apenas foca a sua análise sobre a mudança dos hábitos de leitura, especialmente no estabelecimento de novos pactos de leitura e novos jogos de alegação de realidade.

Podemos citar as primeiras referências que foram escritas por homens. Nesse contexto, encontramos em Santo Agostinho um expoente iniciador da expressão de si no contexto da conversão cristã. As Confissões é a narrativa da experiência da vida cristã. Trata-se de um texto eminentemente de expressão e compreensão de uma interioridade ligada à fé. Jean-Jacques Rousseau, dentre outros que não tiveram tanta ênfase na autobiografia (RICOEUR, 2014).

Para que possamos entender o romance *Histoire de ma vie*, temos que entender primeiramente o que é autobiografia, autobiografia não é um gênero puro, mesmo em meados do século XIX, quando, apesar do egoísmo romântico, o gesto de escrever de si e sobre si não é ainda uma forma consensual, como escreveu Philippe Lejeune (2008, p. 36):

Em oposição a todas as formas de ficção, a biografia e a autobiografia são textos referenciais: exatamente como o discurso científico ou

histórico, eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto e a se submeter, portanto, a uma prova de verificação. Seu objetivo não é simplesmente verossimilhança, mas a semelhança com o verdadeiro. Não o “efeito de real”, mas a imagem do real.

O gênero autobiográfico, na definição de Lejeune (2008), difere da biografia. Ele define a constituição do gênero autobiográfico em quatro categorias: a) forma de narrativa: prosa; b) tema que norteia toda a narrativa: vida individual, história da personalidade da protagonista do romance; c) situação do autor: a identidade tanto do autor quanto do narrador remete o leitor a uma pessoa real; d) a posição do narrador: retrospectiva da narrativa do narrador. A partir dessas conceituações, o autor concebe sua teoria no sentido de diferenciar autobiografia e romance autobiográfico.

Autobiografia, memórias, romance pessoal, romance autobiográfico, autoficção: vários são os nomes para esse tipo de escrita que o autor recebe ao escrever sua própria história. Mesmo tendo várias denominações, vem sendo discutida por diversos teóricos, inicialmente, um conjunto de conceitos da autobiografia presente nas obras dos autores Philippe Lejeune (2008), Leonor Arfuch (2010), Jean-Philippe Miraux (2005) e Mikhail Bakhtin (2004); dentre outros. Mas a definição de Lejeune sobre o pacto autobiográfico é usado até hoje como referência básica nos estudos sobre autobiografia, por ter sido o primeiro a definir o termo que antes era usado para escrever livros, mas sem uma definição:

(...) a definição de autobiografia seria:

DEFINIÇÃO: Narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focalizada sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2008, p.14).

George Sand deveria inventar uma escrita original e propor ao seu leitor o “pacto autobiográfico”, utilizada pelos teóricos como ponto de partida para reflexões sobre a escrita de si. O pacto autobiográfico seria um “contrato” entre o autobiógrafo e o leitor, que concordam em tratar o texto em questão como uma autobiografia, como sendo uma história real. É como um “pacto de verdade” em que o autor declara

sua intenção de dizer a verdade sobre ele mesmo e o leitor dispõe-se a ler o texto como tal. Podemos dizer que o pacto não passa de um contrato feito pelo autor que pode ser aceita ou não pelo leitor. Conforme Lejeune:

O pacto autobiográfico é o engajamento do autor em contar diretamente sua vida (uma parte, ou um aspecto de sua vida) em um espírito de verdade. (...) O autobiógrafo promete que o que ele vai contar é verdadeiro, ou pelo menos é o que ele acredita. Ele se comporta como historiador ou um jornalista, com a diferença que o sujeito sobre quem ele promete dar informação verdadeira é ele mesmo. (LEJEUNE, 2005, p.31).

Nessa citação o que mais preocupa Lejeune é o comprometimento do autor com a verdade, pois caso contrário à autobiografia não teria o porquê existir. Como todo contrato tem suas regras a serem cumpridas, da mesma forma o pacto também deve conter essas informações na abertura do texto, seja na capa, no prefácio ou no início da narrativa.

Na autobiografia, em relação à estrutura, o escritor faz no presente, um relato de sua vida passada. As lembranças são fundamentais para que o escritor possa organizar os fatos que marcaram a vida do escritor/personagem. A memória é importante para que os fatos sejam revividos – um mergulho no momento em que foram vivenciados.

George Sand procura esclarecer o seu gênero de escrita:

Não tenciono fazer deste livro uma obra de arte e proíbo-me até de o fazer, pois coisas como estas não têm outro valor, além do da espontaneidade e da naturalidade, e não pretendo contar minha vida como um romance. A forma prejudicaria o fundo.

Eu poderia, pois, falar desordenadamente e sem sequência, caindo mesmo em muitas contradições. (SAND, 1945, p. 20)

A memória é fundamental para que se consiga registrar sua autobiografia. De acordo com George Sand, muitos estudos foram escritos sobre ela, mas, conforme a própria autora, os biógrafos que se propuseram a escrever não relataram a biografia com fidelidade:

A propósito, os meus biógrafos que me perdoem se me arrisco a ofendê-los e a retribuir com ingratidão a benevolência que demonstraram para comigo, mas não acho, nem delicado, nem conveniente, nem honesto da minha parte, permitir que acusem meu marido de defeitos, dos quais cessei imediatamente de queixar-me assim que reconquistei a minha independência... (SAND, 1945, p. 21)

Infelizmente, para a sua reputação, a maioria dos seus biógrafos foi de homens que a julgavam sob o ponto de vista da tradição feminina estabelecida. Com este propósito, resolveu escrever ela própria sobre si. George Sand criou uma forma singular de escrita, para deixar registradas suas memórias, constituída pela polifonia com a qual a autora expõe uma vitrine de si mesma. Projeto nada fácil, pois a autora, em *História da minha vida*, confessa: “no meu caso, julgo cumprir com isso um dever, bem penoso, aliás, pois não sei de nada mais difícil do que definirmo-nos e estudarmo-nos a nós mesmos” (1945, p. 07). A escritora definiu essa polifonia como algo penoso, mas que decidira fazer.

A autobiografia de George Sand foi publicada antes da revolução de 1848, construindo uma relação não só intelectual, cultural, filosófica e política com o Iluminismo, mas também familiar pessoal e afetiva. Uma nova identidade pública de George Sand estava em jogo (SAND, 1947, p. 186).

Encarou este desafio em *História da minha vida*, obra que retrata a história íntima, moral, espiritual e intelectual da mulher e “do” artista George Sand. O projeto de George Sand é radicalmente diferente, como ela explica: “eu não tenho isso intitulado minhas memórias, e é um propósito que eu tenho utilizado essas expressões: a história da minha vida, para dizer que eu não tinha a intenção de dizer a outra irrestrita” (SAND, 2004, p. 22). Trata-se de um texto em que a conversa é espontânea; as vozes aparecem para o leitor; a vida que a autora diz é irrestrita.

3. Considerações Finais

Todas as suas múltiplas facetas são remarcadas. Tudo que alguma mulher tenha sentido ou sofrido está reunido na vida de George Sand. Pronunciadamente doméstica, foi também a mulher dotada de maior espírito público entre os seus

contemporâneos. Profundamente maternal, tornou-se independente e chegou a parecer as criaturas do seu tempo que tinha um lugar de homem no mundo.

George Sand foi a moderna mulher, ela agitou no mundo da flama. No período monarquista, foi republicana. Na sociedade ortodoxa, ficou fora de igreja. Vivendo no tipo difícil de Napoleão, lutou pela reforma das leis que lhe pareciam opressiva. Por estar À frente dos seus dias e daí a necessidade que sentiu de buscar o convívio exclusivo dos homens e, como é natural, pela convivência, adotou as maneiras daqueles com que convviam.

A título de finalização de um trabalho e longe de esgotar as reflexões surgidas do livro *Histoire de ma vie*, o processo de escrita da autobiografia é original para a época e ainda atual. Também, tão importante quanto discutir o feminino, foi estudar a autobiografia da autora, como acontece à transição entre memória e ficção (o espaço literário), na compreensão de seu pacto autobiográfico: polifonia em mãos múltiplas, Aurore/Sand.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2010.

BAKHTIN, MIKHAIL. *Questões de Literatura e estética: a teoria do romance*; tradução de Aurora Fornoni Bernardini [et al]. 7 ed. São Paulo: Hucitec; 2014 linguagem e cultura. São Paulo. 2014.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MAUROIS, André. *Lélia ou a vida de George Sand*. Tradução de Olga Biar Laino. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

MIRAUX, Jean-Philippe. *La autobiografia: Las escrituras del yo*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.

SAND, George. *História de Minha Vida*. 1º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1945.

SAND, George. *História de Minha Vida*. 5º volume. Tradução Gulnara Lobato de Moraes Pereira. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1947.

WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

Recebido em 19/02/2017.

Aceito em 16/03/2017.